

As quatro faces de um assalto

Porto, sede da Polícia Judiciária (PJ)

Após meses de investigação e de uma preparação cuidadosa, o inspector Neves e o agente Costa vêm a data da operação "Os dois coelhos" a aproximar-se. Operação que, se tiver sucesso, permitirá capturar dois grupos de assaltantes há muito procurados mas cuja detenção tem sido sucessivamente adiada por falta de provas que sirvam em tribunal.

- Não podemos perder esta oportunidade. É agora que apanhamos a Susy e o *gang* dos bancos – disse o inspector Neves, decidido.

- Não te preocupes, vai correr como previsto. Já está tudo tratado. A Susy desactiva o alarme e a protecção do cofre antes de deixar o trabalho. À noite, eu, o Chico e o Xano fazemos o trabalho.

- Achas mesmo que ela vai até ao fim, Costa?

- Claro. Fiz chantagem. A Susy sabe que eu a conheço bem e pensa que se não cumprir o combinado é denunciada. O patrão devia gostar de saber o que a sua bancária preferida anda a fazer com algumas contas...

- Certo. E os outros?

- O Chico e o Xano pensam que vou ser eu a desactivar o alarme...

- Bem, para alguma coisa havia de servir um Eng. Electrotécnico!

- De qualquer forma também os ameacei. Eles ficaram com medo, não devem tentar nada de estúpido.

- Assim espero.

O plano de captura está planeado ao milímetro. Depois do assalto, Costa, Xano e Chico seguem para casa deste, onde terão uma bela recepção... Depois é a vez de Susy que espera, na Praça da Liberdade, ansiosa pela sua parte do dinheiro.

- Ela pensa que eu me vou desfazer dos dois. Nunca matei ninguém, mas com esta arma não era coisa difícil – disse Costa, sorrindo confiante no estratagema que montou.

- De certeza que não queres ninguém no banco? Nunca se sabe, pode acontecer algum imprevisto...

- Neves, sabes bem que gosto de trabalhar sozinho. Não quero deitar tudo a perder. Põe pessoal de confiança em casa do Chico que eu desenrasco-me no banco.

- Ok, mas logo que os dois tipos sejam presos ligas-me. Quero estar informado para que corra tudo bem na Praça.

Dias depois, na noite do assalto, as novidades tardam em chegar ao inspector Neves. Cada minuto é vivido intensamente, na expectativa de boas notícias. Mas a equipa Chico, destacada para as primeiras duas detenções, continua à espera... Por fim, Neves pega bruscamente no comunicador interno.

- Equipa Chico! Neves chama!

- Sim chefe, escuto.

- Que é que se passa, já chegaram? – gritou Neves, irritado.

- Ninguém, está vazio. Já estão com um atrasado considerável.

- Merda! Ricardo, vai com um dos grupos que tens contigo ao banco, com urgência máxima. O outro que aguarde instruções. Tenho um mau pressentimento.

- Certo, chefe. Entro em contacto consigo quando lá chegar.

Minutos depois...

- Chefe, tenho más notícias. O Costa foi abatido.

- O quê?

- É verdade. E o Chico está aqui, inconsciente.

- Não pode ser... chama os paramédicos. Eu vou já p'raí. Espera por mim.

Foram precisos dez minutos para Neves chegar ao local, apesar da velocidade estonteante a que conduziu, passando vermelhos e sentidos proibidos. Os paramédicos já tinham chegado, para não falar nos inúmeros carros da PSP que cortavam a estrada e criavam uma atmosfera típica de um filme de Hollywood. Neves ostenta o distintivo e passa a faixa de segurança, enquanto observa Costa a ser colocado numa ambulância. Ricardo dirige-se ao seu chefe.

- Sinto muito. O Chico foi reanimado, se quiser falar com ele.

- Quero, pois. Chama o grupo em falta para aqui. Não estão a fazer nada lá em casa.

Chico estava perplexo, como se o que acabava de acontecer fosse pura imaginação. Mas não era...

- Quero saber tudo o que aconteceu! – exigiu o inspector.

- Nunca imaginei. O Xano enganou-me. Os capangas dele chegaram de repente num carro, mataram o Sandro e deram-me um soco com força. Devo ter desmaiado. Aquele sacana! Depois estar tudo combinado. E queria ele que fosse eu... – e calou-se como se já estivesse a falar demais.

Sandro era o nome de disfarce do agente Costa.

- E para onde é que vocês iam?

- Que raio de polícia é você? Íamos a minha casa para dividir o dinheiro. Pois sim, nunca mais lhe vejo a cor! – disse, angustiado.

- Detenham-no. Ricardo, escolhe dois dos teus homens para irmos a casa do Xano. Manda os outros deter a Susy, que ainda deve estar à nossa espera.

Já perto do destino, Neves recebe a notícia de que Susy não está na Praça. Furioso, continua o caminho.

Chegados à casa do Xano...

- Ricardo, prepara-te que vamos entrar.

- Sem mandato? Vamos arranjar problemas – advertiu.

- Essa é boa... problemas já tenho eu que chegue, e este não fará diferença. Não te preocupes porque eu assumo as responsabilidades.

E arrombam bruscamente a porta. Precipitando-se para o interior, logo deparam com Xano, de pé mas meio tonto.

- Quietos! Mãos ao ar ou levamos um tiro – mandou o inspector. Alguém não e revistem a casa toda.
- Que é que se passa? Polícia? Não pode ser.
- Poupa o latim e conta-me o que aconteceu. E que não falte nada, porque quando me zangar fico mau, e zangado já estou que chegue. Percebes o que quero dizer?
- Tenha calma... eu estou inocente, vendo bem as coisas. Alguém me tramou, é o que sei. O Chico queria matar o Sandro. O tipo estava sempre a fazer chantagem connosco e sabia demais. Por isso, depois de nos ajudar a entrar, já não era preciso.
- Seus animais! Acabaram com um dos meus melhores agentes infiltrados.
- Quem? O Sandro é polícia? Mas está enganado. Tinha ficado combinado que era o Chico a fazer o trabalho porque eu me recusei logo. Mas, quando me fez sinal com a cabeça, para eu saber que era o momento, ouvimos os pneus de um carro a derrapar. Logo a seguir apareceram dois tipos fortes, equipados e armados com automáticas. Um deles apontou a arma ao Sandro e disparou sem piedade. O outro deu um soco em cheio no Chico. Desmaiou instantaneamente...
- Chefe, desculpe interromper. Veja o que encontramos no fundo falso de uma mala. Deve estar tudo aqui – informou Ricardo, visivelmente satisfeito com a descoberta.
- Quê? Não pode ser! Isto foi tudo montado! – gritou Xano, mostrando-se injustiçado. Não conheço os tipos do carro de lado nenhum. Foram eles que me meteram lá dentro e me trouxeram até aqui. Depois deram-me a beber qualquer coisa esquisita para me adormecer. Puseram algum dinheiro aí só para me incriminar. Nós roubamos, ou melhor... íamos roubar muito mais do que isso!
- Ou tu podes ter escondido o resto noutro lado. Rapazes, continuem a procurar – disse Neves, desconfiado.
- Mas agora estou a ver... deve ter sido a M – concluiu Xano, como se já tivesse percebido tudo.
- Quem? – para o inspector, este era um nome novo.
- Uma “colega” de longa data. Chamo-lhe M, uma espécie de código. Confiava nela e contei-lhe tudo. Combinamos que ela matava o Chico logo que chegássemos a casa dele, antes de dividir os lucros. Céus... como foi capaz?
- Ponham-lhe umas algemas e metam-no no carro. Como vês, com ou sem dinheiro, estás preso!

Nem uma nota mais apareceu. Onde estaria o resto? No próprio dia, Neves foi ter com a Susy. Após anos de investigação, conhecia-a bem. A entrada foi simpática...

- Polícia Judiciária! Abra a porta ou entramos à força!
- Oh, não se dêem ao trabalho. Em que lhes posso ser útil? – perguntou, com um sorriso no lábio.
- Deixe-se de gracinhas que daqui você só sai para trás das grades. Sabe, o Sandro era, na verdade, um bom polícia. O que ele sabia, eu sei. O juiz vai gostar de conhecer o seu passado e como você tornou o roubo possível. O sorriso de Susy desfez-se subitamente.
- Estou espantada. Mas o que é que lhe aconteceu?
- Foi morto há pouco mais de uma hora. Você por acaso não devia estar na Praça à espera dele?
- Acha? Esperei quase meia-hora. Depois fui-me embora. Julguei até que queria tudo para ele. Mas... mas então quem é que ficou rico às minhas custas?

- Sabê-lo-emos brevemente. Entretanto, vai-nos acompanhar. Já temos provas mais do que suficientes contra si. Rapazes, revistem a casa. Apesar de tudo, ainda acredito em milagres!

De nada serviu. Do resto do dinheiro não havia sinal. Mas falta ainda falar com a tal M. Quem sabe, é agora que se desvenda todo este mistério...

- Sra. M, por favor abra a porta! Fala o inspector Neves, da Polícia Judiciária.

- PJ, a estas horas? Que foi que aconteceu?

- Sabemos do seu envolvimento com o Xano. Sabemos também da vossa última jogada. Você ía matar o Chico depois de terem assaltado o banco – acusou Neves, surpreendendo-a.

- Quem lhe disse isso?

- Você pensa que está num café ou quê? Aqui quem faz as perguntas sou eu! Diga-me, aonde é que você andou esta noite?

- Estou a ver... a coisa deu para o torto e agora desconfia de mim. E o Xano deve pensar que fui eu que o enganei. Pois digo-lhe uma coisa. Estava à espera deles dentro da casa do Chico, mas não para o matar. Quando vi a moína lá, desconfiei. Só saí quando desapareceram.

- Se não era para matar, era para quê? Para brincarem os três às casinhas?

- Só para o tirar da jogada. Um pouco de violência, nada mais. Sobreviveria. Mas como vê, não foi preciso. Alguém se adiantou.

- Pessoal – disse Neves, dirigindo-se para os companheiros - levem-na para a esquadra e revistem também esta casa. Espero que seja a última!

O inspector estava confuso. Apesar de ter conseguido deter todos os intervenientes, a operação acabou com a baixa de um importante agente. E um dos assaltantes (Chico, Xano, Susy ou M) acabou, em parte, por levar a melhor. Após uma noite inteira acordado a pensar no assunto, Neves chegou a uma conclusão. Afinal, quem é que ficou com o dinheiro e o que aconteceu na realidade?

Nuno Quental

Rua do Monte Alegre, 42 – 1 Dto

4250 – 296 Porto

cool@morango.esb.ucp.pt

As quatro faces de um assalto - solução

Chico

Chico é fortemente agredido, desmaiando de imediato, tal como relatado por Xano e confirmado pela polícia quando chega ao banco – o que, só por si, é um indicativo de que ele não deve ter ficado com o dinheiro. Mas a ideia é reforçada pelo falhanço do plano de abater o agente Costa, combinado entre Chico e Xano e obviamente do desconhecimento da polícia. De facto, Xano refere-se a ele explicitamente e Chico dá-o a entender. Se este tivesse morto o agente, certamente que Xano não o denunciaria, já que não tinha motivos para desconfiar do colega. Também o facto de não se terem dirigido a casa de Chico, ao contrário do previsto (Xano revelou-o a M como parte do plano entre os dois), mostra que algo alheio ao conhecimento de ambos aconteceu – e os três concordam que aquela seria a sequência esperada dos acontecimentos.

Xano

Chico acusa Xano de o ter enganado, o que não é difícil de entender: de facto, vê a carrinha a aproximar-se e leva um soco; depois, Xano já lá não está, nem o dinheiro. Na verdade, Xano ficou tão perplexo quanto o seu colega. A operação do banco foi montada com o intuito de o incriminar, o que é reforçado pelo dinheiro encontrado em sua casa. Além disso, se Xano fosse culpado certamente que teria fugido para outro lado e se manteria bem acordado (ao contrário do que a polícia verificou). Mais: quando Xano é confrontado com a descoberta de algum dinheiro, mostra-se surpreendido e pensa ter sido enganado por M.

M

O nome de código não é apenas uma brincadeira! É revelador, tal como o texto sugere, de uma antiga “parceria” criminosa de sucesso. Logo, era pouco provável que fosse quebrada por algum dos dois, embora Xano pense ter sido atraído por M (em parte talvez por causa da pressão a que estava sujeito). Mas o depoimento de M confirma praticamente tudo o que Xano refere, o que revela a sua lealdade e a veracidade dos depoimentos. M deslocou-se realmente a casa do Chico porque confirma a existência de polícia para lá destacada. Mas evidentemente que não se denunciaria a si mesma se o plano de matar Chico fosse verdade (não há dados para dizer se é ou não).

Susy

Por exclusão de partes, a espertalhona foi descoberta. Susy, alta responsável do banco (como sugerido no texto) conseguiu desactivar o alarme, preparou a operação onde Costa é abatido e Xano incriminado. Só não sabia que Sandro era um polícia à paisana e que Neves estava ao corrente de tudo... mas não há crimes perfeitos! De qualquer forma, é verosímil o facto de não se encontrar na Baixa à espera de Costa, visto que a operação se atrasou bastante.

Outros pormenores procuram sustentar esta solução, impossibilitar outras e, simultaneamente, dar alguma coerência a toda a acção.